



Ernesto Bozzano

De um impressionante e recente caso de "materialização"
O Espírito de Rosalia



FONDAZIONE
BIBLIOTECA
BOZZANO
DE BONI

Título Original em Italiano

Ernesto Bozzano

Di un recente caso impressionante di Materializzazione (Rosalia)

Estratto la rivista La Ricerca Psicica

Casa Editrice Luce e Ombra

Roma (1937)



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

Data da publicação: 02 de junho de 2015

CAPA: Irmãos W.

TRADUTORA: Fabiana Rangel

REVISÃO: Irmãos W.

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil

Conteúdo resumido

Harry Price (1881/1948), parapsicólogo inglês, tendo fundado no ano de 1925 o Laboratório Nacional de Pesquisa Psíquica. Pôs-se a estudar fenômenos paranormais, com a precisa intenção, ao menos no início, de desmascarar os médiuns e descobrir os truques que, segundo ele, usavam para obter seus prodígios.

O famoso caso de materialização completa, por ele investigado, que o convenceu completamente quanto à realidade do fenômeno espírita que ficou conhecido como o caso de Rosalia.

De um impressionante e recente caso de "materialização"

Devo antecipar que o presente capítulo consiste em um artigo meu, elaborado para a revista **A Pesquisa Psíquica**, artigo que não foi publicado devido a brusca suspensão da revista após o advento da guerra (setembro de 1939). Naturalmente, reproduzindo na presente monografia o caso importantíssimo contido no artigo em questão, caso onde se encontra a "materialização de uma menina", eu deveria externar a relação do fenômeno, suprimindo a primeira parte, na qual se fazia a resenha do livro que o contém. Entretanto, refletindo melhor, considero bastante oportuno, a benefício desse mesmo evento, fazer com que este seja precedido da resenha do livro, levando-se em consideração que ali se faz a apresentação do autor para os leitores, o qual é famoso no meio metapsíquico anglo-saxão, também fortemente combatido por seu exagerado ceticismo no sentido espiritualista e por sua inveterada e irracional desconfiança nos confrontos de todos os médiuns, desconfiança que o induziu a propor novas hipóteses fantásticas para conseguir explicar como fraude aquilo que de outro modo poderia ser explicado pela hipótese espírita. Agora, tudo isso, no nosso caso, se resolve em uma preciosa circunstância a prestar valor favorável à interpretação espírita sobre o impressionante fenômeno assistido.

Isso posto, passo a reprodução integral do meu artigo preparado para a revista citada, o qual recebeu o título: De uma grande aventura sobre "um duro convencimento". O investigador a quem me refiro é o notável metapsiquista inglês Harry Price, fecundo escritor e experimentador ativíssimo, o qual publicou recentemente um volume no qual retoma um livro seu de meio século e o intitula: **Cinquenta Anos de Pesquisa Psíquica**¹.

Trata-se de um investigador rigorosamente científico, exageradamente desconfiado e exigente em termos de controle e de provas; e esta característica última, muito frequente, trouxe para ele muitas confusões e

¹ *Harry Price: 50 Years of Psychical Research. A critical Survey. Longmans, Green and Co., London - New York - Toronto, 1939, pag. 383. [G.D.B.]*

polêmicas, as quais em boa parte são justificadas. Apresso-me, entretanto, a acrescentar que tal ceticismo inveterado, que o leva algumas vezes a divisar sistemas fraudulentos inverossímeis ao absurdo, certificando-os com prova de qualidade não comum à investigador, combinadas a uma tenacidade exemplar em seus propósitos e uma erudição metapsíquica profunda. Em suma: ele é um benemérito da pesquisa psíquica e a leitura de sua obra é quase sempre interessante e instrutiva, sob a única condição de que aquele que o lê fique precavido contra o risco de tudo acolher como boa moeda de sua argumentação. Em outras palavras, por auxílio de uma cultura metapsíquica que o coloque em condições de avaliar o que, na indução do autor há de novo e importante, e o que, ao contrário, é discussão desnecessária e incorreta. Do mesmo modo, que o coloque em condições de discernir aquilo que, na crítica de investigações de outros, ou na acusação infligida aos médiuns, há de "reticente" e, conseqüentemente, de "distorcido", apesar da boa fé. Quanto a essa última observação, lembro que o inadequado do "reticente" é o apanágio de toda a crítica dominada pelo preconceito de escola e nosso autor tem fobia pela interpretação espiritualista dos fatos. Na sua condição de hábil ilusionista também é dominado por outra fobia, a da "fraude universal".

Observo quanto a isso que ele parece reticente quando fala da irmã Fox, da médium Slade, de Florence Cook, de D'Esperance, da celibata Sra. Margery Crandon, de Eva Carrière, de Valiantine, da sra. Deane e das integríssimas sra. Jordan e srta. Moberley, as sensitivas e clarividentes que tiveram a visão de uma tragédia no parque de Versalhes. Dos antigos grandes médiuns de efeitos físicos, o único que se salva é o D. D. Home. De fato, quando o autor trata das experiências de William Crookes, de Lord Adare, de Alfred Russel Wallace com o médium em questão, ele observa: "Todos se encontram plenamente convencidos quanto à originalidade dos fenômenos, como me convenceram depois de ter lido tudo que se escreveu sobre Home" (p. 23). Ressalto, entretanto, que sua declaração não impediu que ele se contradissesse pouco depois, quando se referia ao famoso caso de levitação de Home, no qual ele saiu de uma janela para entrar em outra, na presença de Lord Adare e outras duas

testemunhas. Em tal circunstância, ele observa que "presumivelmente, D. Home pregou uma peça nos eminentes experimentadores".

De resto, a contradição de tal natureza se retoma em várias tomadas no livro em questão. Assim, por exemplo, ele declara não crer no fenômeno da "voz direta" que, segundo ele, é sempre resultante de uma fraude. Mas, logo depois, tratando da experiência de Clive Chapman com a própria sobrinha, srta. Pearl Judd² maravilhosa médium de "voz direta" - ele observa: "Eu jamais tive uma experiência com a srta. Judd, mas o doutor Gowland, professor de anatomia da universidade de Dunedin, investigou o caso a fundo, ficando profundamente impressionado". Ele me contou com detalhes a própria experiência... Com o ambiente normalmente iluminado, o doutor Gowland tinha ouvido várias "vozes diretas", as quais conversavam com os presentes, ou cantavam acompanhadas de instrumentos musicais inexistentes... As entidades dos defuntos que se afirmavam presentes cantavam, a pedido, qualquer música que conheceram em vida... Um grande número de cientistas, médicos, jornalistas e prestigiadores assistiram ao fenômeno, sem nunca conseguirem cogitar qualquer explicação para o mesmo, exceto a do sobrenatural..." (p. 81-82).

Eis o nosso autor, o qual não faz comentário posterior. Mas, se ele não tem nada a dizer a propósito, se ele não contradiz o que fica posto pelos eminentes personagens acima, é sinal de que ele concorda tacitamente com suas opiniões.

Noto, de outra parte, que são muito numerosos os médiuns modernos de efeitos físicos considerados por ele como tal. Ressalto entre estes a senhorita Stanislaw Tomczyk, a célebre médium do professor Ochorowicz, Anna Rassmussen, Eleonora Zugun, Stella C. e os irmãos Rudi e Willy Schneider, todos médiuns investigados pessoalmente por ele.

² Clive Chapman: The Blue Room. (Being the absorbing story of the development of Voice-to-Voice Communication in broad light with Soul who have passed into "the great beyond"). Whitcombe and Tombs Limited, Dunedin (New Zealand), 1927, p. 158. [G.D.B]. Tradução: Clivi Chapman: O quarto azul. (Absorto pela história do desenvolvimento da comunicação voz-a-voz em uma câmara iluminada, com Alma que passou para o "além"). Whitcombe and Tombs Limited, Dunedin (Nova Zelândia), 1927, p. 158.

Mesmo Indridi Indridason, o famoso médium islandês, é considerado absolutamente genuíno, assim como Linda Gazzera, a médium torinese do doutor Imoda, enquanto são igualmente tratados Eusapia Paladino e a srta. Kathleen Goligher, a médium do prof. Crawford.

Entre os médiuns de efeito inteligente, ele reconhece como absolutamente genuínas a sra. Osborne Leonard, a sra. Curran, a srta. Cummins, a sra. Eileen Garrett, a sra. Esther Dowden, a sra. Estella Roberts e tantas outras. Naturalmente se compreende que ele não admite que as extraordinárias crônicas bíblicas, em cinco volumes, alcançadas mediunicamente pela srta. Cummins³, e que as prodigiosas obras literárias ditadas mediunicamente à sra. Curran, resultam transmitidas por uma entidade desencarnada, como não admite que as maravilhosas provas de identificação pessoal obtidas por meio da Leonard, da sra. Dowden e da Roberts, autorizam a interpretação espírita.

Ele prefere a hipótese do "emergente", sobre a qual observa:

"O que me conduz a acenar para a teoria do "emergente", proposta pelo doutor Broad, segundo a qual haveria um "fator psíquico" que sobreviveria por um dado tempo à dissolução do corpo (melhor, penso eu, admitir que sobreviva um tempo ilimitado). Esse "algo" resultando num "eflúvio" sobrevivente a nós mesmos, às vezes, por lei de afinidade, viria a se identificar com a inteligência de um médium em "trans", gerando transitoriamente uma personalidade efêmera, na qual a sessão ativa pertenceria ao "fator psíquico" do defunto. O que há de sugestivo na hipótese do doutor Broad consiste na circunstância da personalidade efêmera (transitória em relação ao médium), que "emerge", ou é gerada devido à conjugação ocorrida, o que explicaria o motivo pelo qual ela resulta em condição de fornecer particularidades ignoradas por todos, sobre a existência da antiga posse do "fator psíquico" temporariamente emerso..." (p. 200).

Como os leitores observarão, essa teoria do "emergente" é a mesma do "fator psíquico inconsciente" citada por mim e refutada na primeira parte da presente monografia, teoria por sinal gratuita, fantástica e tola, que

³ Ver Letteratura d'oltretomba*, di Ernesto Bozzano, Bompiani, Milão. [G.D.B].

*Literatura do além-túmulo.

não merece ser levada em consideração, mas que o nosso autor, na falta de melhor, acolhe, uma vez que o coloca em posição de explicar de algum modo os fatos sem aludir à interpretação espiritualista dos mesmos.

De um outro ponto de vista, observo que o livro de Harry Price resulta sobretudo de ordem técnica porquanto contenha nesses longos capítulos dedicados a métodos melhores para avaliar cientificamente a tão discutida experiência denominada "Percepções extra-sensoriais", e outros longos capítulos nos quais se enumeram e se descrevem as fraudes dos médiuns, ou se elencam médiuns pegos em fraude. Seguem outros capítulos em que se fala dos instrumentos mecânicos e elétricos que concorreram para a construção de um perfeito laboratório metapsíquico, e por aí vai. Todos conhecimentos instrutivos para quem quer que se disponha a iniciar investigações metapsíquicas com fundamentos científicos, mas que pela aridez de sua natureza, tornam o conteúdo do livro mais pesado.

As experiências pessoais do autor com numerosos sensitivos e médiuns resultam sempre interessantes, mas não trazem nada de novo, salvo por uma sessão notável na qual se materializou uma menina, filha daquela que no círculo era a médium; materialização que ele pode experimentar em condições de experimentação disposta por ele mesmo.

Disponho-me, portanto, a relatar em resumo expandido esse evento memorável, destacando de antemão uma circunstância curiosa: o nosso autor precede o caso com uma página de explicações, na qual se observa que ele está bastante ansioso por desculpar-se com os leitores por lhes infligir um caso de materialização genuína... Ele! O inventor da famosa teoria da "regurgitação", segundo a qual a circunstância embaraçosa dos véus abundantes em que se envolvem os fantasmas materializados para se protegerem do efeito deletério da luz, véus que não se encontram no médium, deriva do fato de que os médiuns os "engolem" antes, depois "regurgitam" e se valem disso para enganarem o próximo, para então "engolirem novamente". E eis porque não são encontrados!

Enfim: reproduzo alguns trechos da página interessante de que tratamos. Ele começa assim:

"É com grande hesitação que decido publicar o relato que segue, uma vez que não assisti mais que uma única sessão... Embora eu esteja

convencido de ter tomado todas as precauções possíveis que me foram sugeridas por uma longa experiência sobre o tema, ainda é possível que eu esteja enganado... Mas, se fui enganado, de que maneira foi possível me enganar? E quais motivos para me enganar tinham as integríssimas pessoas que me convidaram para a sessão?... Eu escrevi o relatório poucas horas depois do evento e no dia seguinte o dei aos editores do presente volume para que lessem. Então eles, depois de ponderada reflexão, foram de opinião de que deveria ser publicado, todavia fazendo com que fosse precedido da devida reserva...

Concluindo: embora eu publique o relatório dessa interessante sessão, a qual no momento me impressionou profundamente, suspendo todo juízo acerca do fato de que a materialização que observei fosse ou não uma menina rediviva..." (p. 131).

Como se viu, o ansioso autor se apega à chance de deixar para os editores a responsabilidade de uma publicação tão perigosa. Foram eles que induziram o simplório a publicá-la. E, se é assim, sua honra está salva.

As origens da grande aventura ocorrida com um cético endurecido surgem da circunstância de que em Londres há famílias que têm sessões privadas importantíssimas, sobre as quais ninguém nada sabe, já que se trata de reuniões consideradas sagradas para quem as assiste e nas quais se apresentam manifestações marcantes aos familiares mais íntimos. Agora, acontece que o nosso autor fez com a "Radio" uma conferência sobre uma "casa assombrada", investigada por ele mesmo, em boa parte obtendo êxito. Tais relatos foram publicados e uma pessoa de cuja casa se obtiveram importantes manifestações dessa natureza, lendo o relatório de Price e observando seu ceticismo quanto aos fantasmas assombradores, mas ao mesmo tempo apreciando os seus métodos rigorosos de investigação postos em obra, decidiu-se a telefonar para ele e convidá-lo para assistir a uma sessão em sua casa, na intenção de convencê-lo de que não apenas existiam fantasmas assombradores, mas existiam também fantasmas materializados. Caso ele aceitasse o convite, deveria prometer não revelar o nome dos experimentadores, nem o endereço da casa. Price, então, continua:

"Fiquei surpreso com as condições que me eram oferecidas: ser-me-ia concedido qualquer controle do ambiente e dos experimentadores antes que se iniciasse a sessão. Eu poderia inspecionar todo o local, selar todas as portas e janelas, investigar cada canto ou o armário da sala da sessão, trancar a porta e as janelas, remover e tirar dali as cortinas, móveis e objetos; eu poderia espalhar pó de amido no chão da sala, fora da sala, em qualquer lugar do apartamento e também aplicar dispositivos elétricos de controle. Enfim, eu poderia revolver os bolsos de todos os presentes, tanto antes quanto depois da sessão. A única restrição que me colocavam era a de que, no momento de início da sessão, eu deveria me manter quieto e se eu desejasse aplicar controles, ou me deslocar para melhor observar, eu deveria pedir permissão. Fiquei muito bem impressionado com o que me era proposto por telefone e disse a minha interlocutora que responderia por carta.

No dia seguinte, segunda-feira, 13 de dezembro de 1937, respondi a sra. X., acolhendo o convite e reforçando todas as suas condições.

No dia 15 de dezembro, eu ia na direção do subúrbio de Londres, onde morava a senhora em questão, lugar em que eu iria assistir a mais maravilhosa sessão de toda minha vida...

Fui recebido por uma empregada e levado à sala de jantar, onde fui acolhido pelo casal X. e por sua filha, uma jovem de dezessete anos.

Depois das apresentações, sentamo-nos à mesa e durante a refeição fui posto ao corrente da história de "Rosalia", a menina defunta que se materializa.

Ela era filha de uma sra. Z, amiga da família, cujo marido foi morto na guerra em 1916. Rosalia era a única filha do casal e morreu de difteria nos braços da mãe, aos seis anos de idade (1921)...

Na primavera de 1925, a sra. Z. foi acordada numa noite pela voz da própria menina que chamava pela mãe. Desde aquela noite, o fenômeno se renovou com tal frequência que a sra. Z. tinha tomado o hábito de velar até tarde da noite, à espera da vozinha de saudação da própria criatura. Gradualmente, ela notou que podia ver o contorno do corpo de Rosalia apesar da escuridão, enquanto já havia escutado seus passos no chão de madeira.

Finalmente, ocorre que, havendo alongado um braço na direção da forma da menina, esta agarrou sua mão entre as suas.

Tais manifestações continuaram até o final de 1928, quando a sra. Z. se decidiu contar o que aconteceu para a amiga, sra. X, e foi o casal X. que sugeriu à sra. Z experimentar uma sessão em sua casa a fim de ajudar a menina rediviva a se manifestar mais facilmente.

O senhor X conhecia bem a técnica dessa experiência e as sessões se iniciaram... Isso aconteceu até o final de 1928 e foi, contudo, na primavera de 1929 que Rosalia conseguiu se materializar no escuro, fazendo com que sua presença fosse notada ao agarrar as mãos de sua mãe... Desde aquela noite, ela continuou regularmente a se materializar a cada sessão. Depois de algum tempo, os experimentadores tentaram colocar um pouco de luz no ambiente plasmando alguns espelhos portáteis com tinta luminosa. Quatro desses espelhos sempre são utilizados nas sessões.

Rosalia conseguiu finalmente chegar a falar – mais com sua mãe, respondendo com monossílabos a perguntas simples. Ela sempre aparece muito tímida, mas ocasionalmente é possível acolher uma pessoa estranha no círculo sem criar um obstáculo ao processo de materialização da menina. Daí, o convite feito a mim. Foram-me confiadas muitas respostas da menina rediviva às perguntas que já foram feitas, mas seria muito longo o relato. Esta é a história de Rosalia, que agora pude ver, sentir e ouvir...

Enquanto isso, terminou o jantar e a empregada tinha informado que outras duas pessoas, componentes do grupo de experimentadores, estavam presentes. Levantamo-nos todos, indo ao seu encontro na sala de estar. Ali, fui apresentado a sra. Z., a qual é uma graciosa senhora francesa de cinquenta anos. Ela me disse que estava feliz e honrada em me conhecer, mas lamentava não ter podido trazer à sessão o meu amigo (sr. Lambert), e isso porque temia que, admitindo duas pessoas estranhas ao mesmo tempo, poderia perder a manifestação, dada a timidez de "Rosalia". O outro participante era um jovem de pouco mais de vinte anos, o qual chamarei de Jim, e que me pareceu interessar-se sobretudo pela simpática filha do casal X..."

Deixo de citar uma longa página em que o autor descreve as medidas de controle tomadas, sondando todo o local, trancando portas e janelas, colocando sua própria assinatura sobre as tiras de lacre, espalhando um pouco de amido sobre vários lugares; e me limito a relatar o que fez na sala da sessão. Ele escreve:

"Tendo reunido todos os componentes do grupo na sala da sessão, olhei ao redor para ver quais disposições deveriam tomar. Decidido que as cortinas, os ornamentos, o relógio, os quadros, os cestos de trabalho eram ali inúteis, seria melhor levá-los para outro lugar e assim foi feito. Depois disso, fechei a porta girando a chave duas vezes, coloquei a chave no bolso e coloquei selos nos batentes da porta. Tratava-se de tiras de latão presas à madeira e mais quatro tiras de fita adesiva cruzando os batentes da porta, sobre as quais coloquei minha assinatura e fiz o mesmo com as duas janelas, de modo que eu estava bastante seguro de que ninguém poderia entrar no ambiente por nenhuma parte. Todavia, restava controlar a lareira e, por um momento, fiquei constrangido em fazê-lo. Mas, depois tive a ideia de estender sobre a grelha, exatamente alinhado ao tubo do duto, um grande jornal que eu tinha no bolso, sobre o qual espalhei bastante amido em pó e sobre o pó tracei com o dedo indicado as minhas iniciais.

Ninguém poderia descer do duto sem revolver o amido. Tendo com isso impedido qualquer comunicação com o exterior, dediquei-me a sondar o interior e, com a ajuda do sr. X, removi o sofá grande, depois a cômoda pesada, esvaziando cada gaveta dela. Quanto ao sofá, eu o revirei, pisei em suas almofadas e pressionei o assento com todas as minhas forças, fazendo as molas rangerem... Terminei minha inspeção abrindo até o gabinete do rádio, que não apresentava nada de incomum.

Quando chegou a vez de examinar as pessoas, já se compreende que, em nome das convenções sociais, me absteve de inspecionar as saias das três senhoras, mas pedi permissão de fazê-lo nas roupas do sr. X e do Jim, os quais imediatamente puxaram seus bolsos. Apalpei seus corpos, de modo a me convencer de que não tinham nada de suspeito que pudessem utilizar para a simulação do fenômeno esperado. As duas senhoras anciãs,

as quais tinham me advertido sobre meu constrangimento por eu ter me abtido de examiná-las, de pronto aderiram a minha proposta de que eu ficasse entre elas... A última medida que tomei antes de apagar as luzes foi a de espalhar amido em pó diante da porta e na lareira, em seguida determinando os locais onde ficariam os componentes do grupo. Quando a sessão se iniciou, eram nove horas e dez minutos.

Quatro espelinhos foram depositados a nossa frente, no chão, com a superfície fluorescente para baixo. Antes, a luminosidade deles era fortemente reavivada, expondo à luz intensa de uma lâmpada elétrica. O sr. X informou que podíamos conversar com voz baixa até que nos pedissem para parar... Apesar de nos encontrarmos em plena escuridão, observei que quando se conversava, eu conseguia localizar exatamente o ponto em que se encontrava o locutor, assim como sentia a respiração de cada um dos presentes.

Depois de uns vinte minutos de conversa tranquila, o sr. X observou que seria melhor parar para tentar sintonizar o ambiente com vibrações musicais. Ele teve alguma dificuldade em encontrar ritmos musicais adequados nas transmissões do rádio, mas finalmente encontrou uma transmissão. Mal a rádio entrou em ação, observei que a minúscula lâmpada do interior do quadro de "estações" do rádio iluminava suficientemente nosso grupo de modo que eu podia ver distintamente as sombras de todos os experimentadores.

A essa altura, a mãe de "Rosalia" se pôs a soluçar. O sr. X interrompeu a música, retomando seu lugar. Pediu-se que ficássemos quietos. Ninguém falou mais. Pouco depois, o silêncio solene foi interrompido pela sra. Z, que sussurrou, soluçando, o nome de "Rosalia", para depois continuar a repeti-lo com breves intervalos de cerca de vinte minutos. Algumas vezes, também a sra. X. fazia o mesmo. Ambas soluçavam em silêncio. Fui advertido de que aquela sessão era revertida de um caráter sacro, mas eu não esperava por uma emoção tão vibrante.

Quando o relógio da sala bateu as dez horas, a sra. Z. deu um grito de comoção e depois murmurou: - Rosalia! Meu anjo! – A sra. X se inclinou para mim, sussurrando em meu ouvido: - Rosalia está presente. Não fale! – Naquele instante eu vi que havia alguém perto de mim. Eu não via

nada, nem ouvia, mas me invadia uma sensação olfativa muito estranha, agradável, a qual não havia antes, no ambiente. Ninguém falava: reinava um silêncio impressionante, interrompido somente pela intensa emoção da mãe. Compreendia-se que naquele momento ela acariciava a filha rediviva. Então, à esquerda, no chão, ouviu-se um leve som de pezinhos que se moviam e me senti tocado levemente no dorso da mão esquerda, que eu tinha sobre o joelho (não se fazia a corrente). Era um toque suave de uma mãozinha levemente quente. Não tive coragem de me certificar se ela tinha me tocado. Enquanto isso, a sra. Z, ao meu lado, continuava a conversar murmurando e soluçando com sua criatura.

Depois de alguns minutos, a sra. X. pergunta à mãe de Rosalia se eu poderia tocar a menina materializada. A permissão me foi concedida e eu estiquei cautamente o braço esquerdo, que para meu grande espanto entrou em contato com um corpinho de menina aparentemente nua e de proporções de uma criaturinha com menos de sete anos. Passei lentamente a mão sobre seu tórax, chegando ao queixo e então à bochecha. Sua carne era aquecida, embora não tão quente quanto a carne de uma criatura viva. Coloquei o dorso da mão esquerda sobre sua bochecha direita: era uma carne suave e morna, enquanto observava distintamente a respiração da menina. Levei novamente a mão ao tórax, observando distintamente o movimento da respiração. Desci apalpando o corpinho até a coxa, depois apalpei o úmero, as costas, então as perninhas e os pezinhos. Eu tinha apalpado um corpinho absolutamente normal de menina, cuja estatura aparentava cerca de três pés e sete polegadas. Ela tinha cabelos longos e suaves que caíam sobre as costas.

Não tenho palavras para expressar o imenso espanto que me causou enquanto apalpava aquela forma materializada e era um misto de supremo interesse científico combinado a um sentido obstinado de incredulidade, reação inevitável àquilo que de inacreditável me acontecia. Eu não esperava assistir a um milagre desse tipo. Seria mistificação? Mas se eu estava mistificando, mistificava também a mãe e isso era impensável. Quanto à mãe, certamente não atuava em um palco.

Perguntei se eu poderia apertar os braços de Rosalia. Responderam-me que eu poderia me aproximar colocando minha cadeira ao lado dela.

Assim o fiz e com isso fui capaz de operar com ambas as mãos, com as quais consegui apalpar o corpinho da menina com maior precisão, centímetro por centímetro. Eu disse para mim mesmo: se essa menina é um espírito, então não há diferença entre os espíritos e os seres vivos. Peguei o braço direito da menina para medir sua pulsação, a qual batia com ritmo acelerado. Julguei que chegasse a noventa batidas por minuto. Coloquei o ouvido na região do coração, observando ali distintamente a batida! Enfim, fechei ambas as mãos da menina entre as minhas e voltando-me para o sr. X, a sua filha e a Jim, os convidei a falarem de modo que eu pudesse ter certeza de que estavam em seus lugares. E eles, então, o fizeram. Quanto a sra. Z e a sra. X, estavam ao meu lado e eu as podia tocar com as mãos.

A essa altura, perguntei a sra. X se a sra. Z poderia me conceder o uso dos espelhos luminosos. Depois de breve discussão, houve a permissão e convencionou-se que a sra. X, de uma parte, e eu, de outra, iluminaríamos o corpinho de Rosalia, começando pelos pés para então chegar lentamente à cabeça. Peguei o meu espelho na mão e, ao virá-lo, uma luz fluorescente suave clareou os pés de Rosalia. Eram pés normais de uma menina de seis anos. A sra. X iluminava o lado esquerdo da forma com seu espelho, enquanto eu o iluminava de frente. Que suavidade de tecidos naquela carne infantil! Era um corpinho perfeito. Quando nossa placa fluorescente chegou à cabeça da menina, revelou o vulto de um anjinho que teria feito orgulho a qualquer mãe. Eram os contornos clássicos de uma bela menina maior que seis anos. Seu rosto estava pálido, mas talvez em consequência da luminosidade fluorescente neutralizando a cor rósea da carne. Os olhos azuis e luminosos irradiavam uma viva inteligência. Tinha os lábios rigidamente comprimidos, o que conferia ao vulto uma curiosa expressão de firmeza.

A esse ponto, a mãe observou que o exame da menina deveria cessar, pois ela desejava tê-la consigo.

Como um favor especial, perguntei se eu poderia fazer algumas questões e me foi concedido tentar, porquanto, segundo a mãe, seria impossível que a tímida Rosalia conseguisse falar naquela situação. De todo modo, permitiram que eu a interrogasse por um minuto: nada mais. Perguntei:

"Rosalia, qual é o lugar que te acolhe?" – Nenhuma resposta.

"O que você faz? Onde você se encontra?" – Nenhuma resposta.

"Você ainda brinca com outras crianças?" – Nenhuma resposta.

"Há gatinhos e passarinhos onde você está?" – Nenhuma resposta.

Rosalia me olhava atentamente, mas parecia não compreender o que eu dizia. Então, perguntei: Rosalia, você gosta da sua mãe? – De repente a expressão de seu vulto se iluminou de compreensão e comoção e os lábios vibraram, sussurrando: "Sim! Sim!" – Ecoou imediatamente no ambiente um gemido agudo de comoção extrema. Era a mãe, que puxando para si a própria criatura, soluçava apertando-a contra o peito.

A sra. X. retornou o espelho fluorescente para o chão, pedindo a todos que ficassem em silêncio, mas era um silêncio muito relativo, em que três mulheres soluçavam piedosamente. Devo confessar que, de minha parte, senti-me comovido: era uma cena bastante emocionante.

Alguns minutos depois, Rosalia não estava mais. Não fui avisado de sua partida, mas, quando o relógio da sala batia as onze, a sra. X. informou que a sessão estava finalizada.

Acenderam a luz e o sr. X. me convidou a proceder com a inspeção do local. Examinei todos os lacres, encontrando-os intactos. Remexi sofá e cômoda, encontrando tudo em ordem. O amido em pó estava intacto em todos os cantos... Isso posto, meu anfitrião me pediu para tirar os lacres da porta para ir pegar alguma bebida. Assim o fiz e, enquanto preparavam os refrescos, eu e Jim demos uma outra volta de inspeção no interior da casa, observando que todos os lacres estavam intactos, o mesmo com o amido em pó. Fiquei na casa até a meia-noite, então saudei a todos agradecendo efusivamente a extraordinária e desconcertante sessão que me foi concedida".

Chegando às conclusões do relatório, nosso autor faz poucos comentários, dos quais se tem que ele tinha se proposto a terminar como tinha comunicado, vale dizer: manifestando dúvidas inverossímeis sobre o fenômeno que tinha assistido, e isso descaradamente, porquanto temesse as críticas de seus colegas incrédulos. Ele observa:

"Eu escrevi o presente relato (que publico sem qualquer alteração) duas horas depois de terminada a sessão. Eu quis ditá-la imediatamente para dar-lhe as mais vivas impressões que nela reporto. Relendo-o, aviso que ele não é justo com o milagre que eu assisti. E ainda, apesar de tudo, eu ainda estou perplexo e me pergunto se "Rosalia" era uma menina morta rediviva ou se, ao invés disso, eu fui vítima de uma mistificação. Mas se assim o fosse, agora tais mistificações seriam desfeitas por anos, e nesse caso não poderia existir atriz mais hábil que a sra. Z, ao simular uma emoção tão espontânea e comovente. E isso não é tudo, pois, se assim o fosse, surgem perguntas imperativas: "De onde vinha aquela menina de carne e osso? E para onde foi, no final?"Essas são questões que me darão muito a refletir.

De todo modo, concluo declarando que só no caso em que tivesse observado a materialização de Rosalia em meu próprio laboratório, só nesse caso não hesitarei em proclamar diante dos incrédulos que a grande questão da vida além da morte foi experimentalmente resolvida em sentido afirmativo. Não é improvável que um dia eu chegue a obter a repetição da histórica sessão em meu laboratório. Mas, por ora, a sra. Z. está convencida de que sua filha, tão tímida na presença de estranhos, se assustaria".

Assim, comenta o relator. Acrescento, de minha parte, algumas outras considerações.

As manifestações espontâneas que precederam a série de sessões demonstraram que a mãe de "Rosalia" era uma médium potente para a materialização dos fantasmas; tão potente que, como a D'Esperance, a Kate Fox e a condessa de Castlewitch, ela se mantinha em estado de vigília durante as manifestações, o que raramente acontece. Todavia, no caso da D'Esperance, com a qual se materializava em meio a um círculo a celestial "Nepenthes", a médium se mantinha bem acordada e consciente, mas sua sensibilidade se agudizava a ponto de fazer com que ela sentisse os efeitos do estado de ânimo dos presentes e, se entre esses alguém tivesse bebido licores, ou tivesse fumado, ela tinha vertigens ou náuseas. O mesmo acontecia no caso de Kate Fox, com a qual se manifestou por

três anos o fantasma materializado de Estella Livermore, e isso à luz de globos luminosos de origem mediúnica, e ainda na presença do marido, o qual apertava nas próprias mãos ambas as mãos da médium, enquanto ela assistia acordada a tudo que acontecia, mas vibrando de sensibilidade anormal; o que representava um obstáculo à extrinsecação dos fenômenos, porque a médium irrompia frequentemente com gritos de espanto a cada manifestação incomum. E, pior ainda acontecia à condessa de Castlewitch, a potente médium de materialização de quem se refere Mad. Frondoni-Lacombe no livro intitulado: **Merveilleux Phénomènes des l'Au de là**⁴, livro que, como já dito, foi muito considerado pelo prof. Richet, por Camille Flammarion e por Cesare de Vesme. Também a médium em questão ficava acordada durante a extrinsecação dos fenômenos. No entanto, encontrava-se em condições de anormal hipersensibilidade que quando aconteceu de ver o fantasma avançar para ficar diante da fotografia, irrompeu em gritos, provocando a desintegração imediata do fantasma, o qual se dissolveu emitindo um gemido de lamento.

No presente caso, ao contrário, não se pode dizer que a sensibilidade da médium fosse agudizada de modo anormal, porquanto sua comoção diante da própria filha rediviva resulta mais que nunca legítima para uma mãe. E, além disso, não parece que seria indício de agudização sensitiva, o que provavelmente é devido à circunstância de que quem se materializava era filha da própria médium, então carne de sua carne, ao lado do fato de que se tratava da materialização de uma menina, o que reduzia a uma proporção muito moderada a substância ectoplásmica necessária para criar o corpo. Que se considere, quanto a isso, que a contribuição da médium no processo de materialização se reduz a "bases químicas" indispensáveis ao efeito, e que tais "bases" não resultam fornecidas exclusivamente pela médium, porquanto contribuam mais ou menos todos os experimentadores, dado que 4/5 da substância componente da forma materializada é subtraída da atmosfera ambiente sob a forma de oxigênio, nitrogênio e saturação aquosa.

Isso posto, e porquanto se refira ao potente caso aqui considerado, é fato

⁴ Nota da tradução: "Maravilhosos fenômenos do além"

que agora encontramos na presença de um autêntico e invulnerável fenômeno de alto mediunidade, no qual uma menina materializada foi vista, reconhecida, identificada cem vezes pela própria mãe, com o precedente teoricamente importante de que por outros três anos a mesma menina já se manifestava espontânea e repetidamente para a mãe, à noite, e também nessas circunstâncias a menina já chamava a mãe e já se fazia ver e tocar. Daí se obtém que esse primeiro ciclo de manifestações vale para confirmar e convalidar o segundo, no qual a menina consegue se mostrar materializada para a mãe. E esse segundo ciclo vem, por sua vez, admiravelmente convalidado pela feliz circunstância de que o experimentador que teve a sorte de observar a menina rediviva, de apalpar o corpo, de ouvi-la falar, de escutar seu coração palpitante (como, antes dele, ocorreu a Crookes com a "Katie-King"), é um cético endurecido, o qual persistiu por meio século a experimentar sem jamais notar que os fenômenos mediúnicos, considerados em seu complexo, demonstram na base dos fatos a vida após a morte. Dessa vez, entretanto, no relato do autor, revelam-se frases espontâneas que traem seu verdadeiro estado de ânimo atual, revelando que ele está bem certo, ou melhor, certíssimo, de ter visto, de ter apalpado, de ter falado com uma menina defunta rediviva. Todavia, por temer seus colegas cientistas, ele cedeu ao impulso de terminar como tinha começado, vale dizer, manifestando dúvidas inconsistentes e absurdas acerca da possibilidade de ter sido alvo de mistificação, e isso apesar da impossibilidade, por qualquer um que não fosse um autêntico "espírito", de entrar em um ambiente hermeticamente fechado e trancado. E é recorrendo a esse expediente pouco lógico que ele concluiu observando que apenas no caso em que o mesmo fenômeno fosse realizado no próprio gabinete de trabalho, apenas nesse caso ele se sentiria autorizado a proclamar que a prova experimental da vida após a morte teria sido alcançada.

Mas, qualquer um que tenha a coragem de ter a própria opinião, qualquer um que tenha reputação científica para defender contra as agressões do misonéismo humano, qualquer um que seja provido de uma dose normal de bom senso, terá compreendido que, no caso em questão, a segunda

prova palpável resulta supérflua, visto que, na verdade, não existem os seguintes questionamentos que o relator se propõe a refletir a fundo: "De onde vem aquela menina de carne e osso? Como fez para entrar em uma câmara trancada e selada? E para onde foi, no fim?". Repito que tais questionamentos não existem, desde que, ao contrário, erigem-se diante do critério da razão quase o mesmo número de outras provas certas, incontestáveis, absolutas, de que a menina Rosalia estava materializada, para depois se desmaterializar naquela mesma câmara. Daí se tem que aquilo a que o relator se referia e sobretudo aquilo que ele fez, e fez bem, basta e deve bastar para resolver estavelmente, resolutamente, em sentido afirmativo, a grande questão da demonstração científica, com base nos fatos, da existência e sobrevivência do espírito humano.

Já se compreende que, com essa afirmação, estou bem longe de pretender que os representantes do saber reconheçam que se tenha alcançado a meta suprema de cada indagação filosófica e, conseqüentemente, que a ansiosa dúvida que cada mentalidade reflexiva em vão remexe a si mesma sobre o mistério imperscrutável do Ser, tenha cessado de existir para a humanidade civilizada. Nada disso! Considere-se, a propósito, que esse novo ramo do conhecimento pelo qual se consegue resolver o mais intrigante mistério de todos os tempos ainda é ignorado no ambiente científico ortodoxo!

De resto, é bom que isso aconteça. É providencial que o grandioso evento em foco não se difunda prematuramente, já que, se assim acontecesse, assistir-se-ia a um cataclismo nas instituições sociais e religiosas vigentes. Tudo isso, bem entendido, no sentido ascensional de uma crise de desenvolvimento, por obra da qual emergiria a confortante Verdade, a de que, em última análise, todas as religiões sempre ensinaram o Verdadeiro na tríplice fórmula substancial comum a todos: a da existência de Deus, da sobrevivência do espírito à morte do corpo, da responsabilidade de nossos atos, desde que essa última proposição seja considerada em sentido relativo e proporcional à evolução intelectual de cada indivíduo singular. Ao mesmo tempo, chegaríamos a conhecer que todas as religiões reveladas resultam simbólicas, no sentido de que os rituais e dogmas que as diferenciam deveriam ser considerados o revestimento do

qual necessariamente se dotam para que se adaptem às variadas gradações de maturidade intelectual e moral alcançada pela população da terra: civilizados, bárbaros e selvagens.

No entanto, não se deve esquecer que, do ponto de vista das instituições religiosas vigentes, tratar-se-ia de uma crise de desenvolvimento subversivo dos revestimentos efêmeros de que tanto fazem caso a massa ignorante e as "almas simples", pululante em qualquer que seja a classe ou hierarquia das confissões religiosas, crise que preludiará a unificação de todas as religiões em uma só Grande Ideia do Divino imanente no Universo inteiro, a qual deveria se exprimir sob a forma de culto sem rituais e sem dogmas, privada de qualquer naufrágio antropomórfico, oficializada em reuniões coletivas de sacerdotes-filósofos, nos Templos do Deus Único, Eterno, Incorrupível, Infinito; sacerdotes-filósofos delegados à instrução da coletividade sobre o mistério do Ser, na direção da Vida, das bases morais segundo os ditames da metapsíquica revelada como a "Ciência da Alma"; culto a se completar fora dos Templos de cada indivíduo, com breves períodos de recolhimento profundo diante do mais solene de todos os Altares: o Universo Estrelado.

Tendo isso em conta, ocorre que o advento de tal grandiosa concessão do Ser – por demais sublimada para nossa época -, e na qual a centelha divina individualizada que se denomina Homem, identifica-se – como pode – com o Ser Infinito Impessoal do qual emana, necessita de uma longa elaboração no tempo; deve se impor, isto é, lentamente, gradualmente, para a "evolução", já não bruscamente, tumultuosamente para "revolução".

Isso significa que se reconhece que os atuais representantes do saber que condenam da cátedra universitária a nova "Ciência da Alma", assim como os elementos conservadores que fazem dos púlpitos e das tribunas, devem se cumprimentar como agentes providenciais do Destino. A cada um a própria tarefa: precursores e conservadores representam os dois pólos da evolução espiritual humana, ambos igualmente indispensáveis para a que ascensão da espécie no sentido de uma iluminada meta angelical, proceda cautamente, ordenadamente, sem atropelos, choques e interdições perniciosas.

Isso dito de um ponto de vista da ordem geral. Retornando ao tema particular no presente capítulo, observo que o fato, em si, das funções providenciais exercitadas pelos opositores misoneístas no ambiente científico, não impede que na busca dos iniciados às questões psíquicas, ou, mais precisamente, no âmbito dos competentes em argumento, a formidável indagação sobre a vida após a morte deva ser virtualmente considerada, experimentalmente, inabalavelmente solucionada em sentido afirmativo, na base dos fatos. E assim sendo, segue que se na circunstância do memorável e invulnerável episódio da materialização da menina Rosalia, fosse algum entre os competentes em discurso o que ousaria ainda reivindicar sofismas teóricos no sentido "animista", esse sujeito revelaria com isso uma mentalidade cronicamente obnubilada pelo preconceito materialista, mentalidade digna de compaixão, não de resposta.

Oração ao Pai - 20/01/2001

Doce Pai,
Bom Pai,
Tu que estás no universo,
Tu que estás nas coisas,
Tu que estás em nós,
Tu que nutres o nosso corpo material
Tu que nutres o nosso corpo espiritual;
Ajuda-nos nessa existência.
Ajuda-nos a perdoar o mal que nos fazem, porque
também nós fazemos o mal.
Ajuda-nos a procurar alimento para o corpo físico e pão para
nossa alma.
Ajuda-nos a superar a prova da vida com serenidade;
e que Tu, junto a nossos irmãos espirituais, esteja sempre perto.
Amem.